



---

ÁREA TEMÁTICA: Saúde, Corpo e Sexualidade

---

O Fenômeno do Culto ao Corpo Moderno e a Magreza como Símbolo de Beleza: estudo sobre o movimento “Pró-Ana” no Brasil

---

AMARAL, Marcela

Mestra e Doutoranda em Sociologia

Universidade de Brasília-UnB/Brasil

marcelaamaral@unb.br

---

### Resumo

A temática da corporeidade e dos usos do corpo vem sendo amplamente estudada em ciências sociais. Alguns estudos em torno do fenômeno do culto ao corpo entre mulheres evidenciam que o padrão de beleza difundido contemporaneamente está intimamente relacionado à manutenção de um corpo magro. Deste modo, a busca pela magreza parece ter se tornado um estilo de vida moderno. É o que se vê nas passarelas da moda, na publicidade e nos corpos das mulheres de sucesso que têm reconhecimento e admiração pública vinculados à aparência física. Se os transtornos alimentares se localizavam na condição de sofrimento mental, contemporaneamente são cultuados como estilo de vida por milhares de jovens que se comunicam e interagem pela *Internet*. Partindo da análise de diários virtuais e páginas pessoais disponíveis na *Internet*, a presente proposta tem como objetivo refletir sobre o fenômeno do culto ao corpo na modernidade, enfocando, especificamente, as práticas de culto à magreza adotadas por jovens mulheres que defendem a anorexia como estilo de vida e o movimento “Pró-Ana” do qual afirmam fazer parte.

Palavras-chave: Corpo; gênero; anorexia; estilo de vida; internet.





## 1 INTRODUÇÃO

Partindo da análise de diários virtuais e páginas pessoais disponíveis na *Internet*, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o fenômeno do culto ao corpo na modernidade, enfocando, especificamente, as práticas de culto à magreza adotadas por jovens mulheres que defendem a anorexia como estilo de vida e o movimento “Pró-Ana” do qual afirmam fazer parte. Para tanto, entendemos o culto ao corpo como uma característica de significativa relevância quando nos referimos às sociedades contemporâneas e ao que denominamos como modernidade. No entanto a definição de culto ao corpo vem se tornando cada vez mais complexa, tendo em vista que não são apenas as práticas de exercícios físicos ou adoção de dietas exageradas que englobam o fenômeno. Diante da centralidade que o corpo ganha com o advento da modernidade, faz-se necessário considerar o culto ao corpo como um conjunto de práticas relacionadas tanto ao discurso biomédico e à preservação da saúde, como à ideia de manter-se jovem e disfarçar o envelhecimento. Neste campo estão incluídas as práticas desportivas, atividades físicas em geral, práticas estéticas, intervenções médico-cirúrgicas e ainda o consumo de bens como cosméticos, vestuários e alimentação.

Para ser tomado como objeto de estudo das ciências sociais, o corpo deve ser entendido como um elemento dinâmico, mutável e inscrito na história das sociedades. Esta mesma compreensão também pode ser aplicada aos diferentes usos do corpo, que relacionados a um contexto social e histórico específico podem evidenciar traços importantes para a compreensão de dada sociedade. Nos corpos dos indivíduos podem estar marcados os valores e as normas que caracterizam um grupo social, sejam estes explícitos ou não. Assim, os sentidos atribuídos aos corpos, os padrões e modos de usos dos corpos estão intimamente relacionados às características de um contexto social. Em se tratando de modernidade, em que há a emergência de uma nova estrutura social, política, econômica e cultural, é possível afirmar que, na medida em que o ser humano passa a ser percebido como objeto de um saber específico, o corpo também ganha centralidade, seja no âmbito dos saberes, seja no campo das práticas. Instala-se uma nova ótica sobre o corpo humano, mediada pelo discurso científico e racional nascente com a própria modernidade.

Cada cultura desenvolve um corpo próprio. Isto pode ser percebido tanto na dimensão do corpo biológico – mutilações, circuncisões, deformações de partes do corpo – como na dimensão estética – pinturas, vestuários, penteados. Afora o que já foi citado, outras formas de usos do corpo e construção da imagem corporal poderiam ser citadas, como os diferentes modos de parir, de padrões de beleza ou a própria negação do corpo e a representação deste como impuro. Como se sabe, na Idade Média o “mau uso” do corpo foi alvo de severas punições por parte da Igreja Católica. Contudo, o autocontrole dos corpos e de suas pulsões está fortemente presente também nas sociedades modernas. Norbert Elias (1993; 1994) salienta que o modelo de relações humanas desenvolvido ao longo da modernidade refletiu no domínio das emoções e do inconsciente por intermédio da razão, o que marcou os corpos dos indivíduos. Assim, o processo civilizador impôs padrões de comportamento que tiveram significativas conseqüências sobre os corpos.

Os discursos de verdade nascentes com o período moderno, tais como a medicina e a psiquiatria, mostraram-se como um tipo de poder não apenas controlador dos processos humanos, mas também norteadores dos usos dos corpos (Foucault, 1989). Sobre estes foram produzidos saberes, hábitos, mecanismos de controle que sobre os corpos de mulheres manifestaram-se de forma ainda mais evidente. A construção social do corpo de está comumente relacionada com as diferenças de gênero e as possíveis configurações de sexualidade. No que concerne aos corpos de mulheres, lembramos da afirmação de Michelle Perrot (2005, p. 447) “O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica”, o que torna os modos das mulheres com relação aos seus corpos – vestimentas, gestos, fala, belezas etc. – alvos de “[...] uma perpétua suspeita”.



Historicamente, sabemos que o corpo feminino foi submetido a todo tipo de disciplinamento – social, médico e jurídico – que alcançou diferentes esferas da corporeidade feminina e que contribuiu significativamente para a consolidação das desigualdades de gênero. O argumento biológico das diferenças entre os sexos estabeleceu papéis sexuais diversos para homens e mulheres norteados pela oposição binária entre o masculino e o feminino. Assim, para os homens reservam-se os papéis relacionados à produção material e à razão, enquanto que para as mulheres estão reservadas às funções de reprodução, de cuidado e as emoções. Estando, portanto, restrito à esfera do privado.

Na segunda metade do século XX, emerge um movimento no sentido de politizar o privado e possibilitar uma maior visibilidade das questões relacionadas ao corpo e à sexualidade feminina. Retomando o conjunto de reivindicações feministas contemporâneas que, entre tantas bandeiras levantadas em favor das mulheres, evidenciou a problemática do corpo feminino através da máxima *Nosso corpo nos pertence* (Scavone, 2004; Rodrigues, 2005), percebemos que já em meados da década de 1970 existe uma movimentação política que vem questionar os mecanismos disciplinares sobre o corpo e a sexualidade das mulheres. Em um contexto no qual o corpo é percebido como um *locus* de disputas de poder, o discurso feminista posiciona-se na luta pela livre escolha da maternidade, pelo uso de contraceptivos, pelo aborto, pelos direitos sexuais, enfim, pela autonomia das mulheres sobre seus corpos.

Infere-se, diante disso, que se por um lado a partir da modernidade e das lutas feministas presenciamos a libertação do corpo de antigas repressões sexuais e/ou de procriação, por outro, hoje assistimos à submissão dos corpos femininos a variadas espécies de coerções estéticas, tais como dietas radicais, lipoaspirações, entre outras práticas interventivas de modelagem do corpo, como a retirada de costelas com o objetivo de afinar a cintura. Com a hipótese de que vivenciamos um paradoxo no qual o corpo se torna, ao mesmo tempo, um espaço de liberdade e aprisionamento, é que pretendemos nos aprofundar nas particularidades do movimento “Pró-ana”, investigando, ainda, as motivações de jovens mulheres que se reconhecem em uma identidade construída e denominada “ana”, em que a anorexia é vivida como estilo de vida, idéia, esta, que é compartilhada através da formação de redes virtuais.

## 2 “PRÓ-ANOREXIA”: ENTRE ESTILOS DE VIDA E TRANSTORNOS ALIMENTARES

“Você não deve comer sem se sentir culpado. Você não deve comer algo que engorda sem se punir depois. Você nunca está magro demais. Ser magro é a coisa mais importante que existe. Ser magra é mais importante do que ser saudável”<sup>1</sup>. Estes são alguns dos “dez mandamentos” Pró-Ana divulgados em um *blog* brasileiro. Para ser uma Ana é necessário autocontrole, disciplina e força de vontade, como elas mesmas afirmam. Ser Ana não é pra qualquer uma, mas apenas para as melhores, as mais belas e as que farão maior sucesso. A leitura do conteúdo dos *blogs* e comunidades virtuais Pró-Ana nos faz questionar o que é beleza, o que é estilo de vida, o que são transtornos alimentares e qual o limite da liberdade de expressão e de uso dos corpos. Para médicos e profissionais das áreas de saúde, o movimento Pró-Ana não passa de um conjunto de jovens mulheres que sofrem transtornos alimentares e que ainda não têm consciência disso. Para elas, as Anas, um estilo de vida moderno, um caminho a ser perseguido em busca da beleza e do reconhecimento.

A anorexia nervosa é um transtorno alimentar caracterizado por uma exagerada perda de peso e pela manutenção deste bem abaixo do recomendável. A perda de peso pode ser efetuada pela recusa a determinados tipos de alimentos, pela prática de regimes, utilização de medicação especializada, consumo de purgantes, indução de vômitos, entre outras práticas. Em alguns casos a anorexia está associada à bulimia, na qual a pessoa anoréxica após o consumo excessivo de alimentos é dominada por um sentimento de culpa que a leva à indução do vômito. Com verdadeiro pavor por engordar e com uma visão



distorcida de sua auto-imagem corporal, a pessoa anoréxica se impõe um autocontrole rígido sobre o corpo e sobre o consumo alimentar.

Ao contrário do que se possa imaginar, a anorexia e a bulimia não são transtornos exclusivos das sociedades contemporâneas em que o culto à magreza entre as mulheres está associado a uma cultura consumista. Em outros momentos históricos as mulheres tiveram motivações diferentes. Como exemplo, podemos destacar o período medieval, no qual a auto-imposição de jejuns era percebida como evidência de santidade ou elevação espiritual, fazendo com que algumas mulheres comessem cada vez menos, sendo, por isso, reconhecidas como santas, como no caso de Santa Catarina de Siena (1347-1380)<sup>ii</sup>. Neste caso específico não se trata de uma prática dotada de apelo estético, no entanto, os jejuns das santas medievais demonstram o modo como o sentido de pureza, do sacrifício e da santidade foi atribuído ao corpo magro de mulheres no referido período.

Atualmente, no Brasil, a maior parte dos diagnósticos de anorexia encontra-se em mulheres jovens, havendo, ainda, maior frequência em classes sociais mais elevadas (Robel, 1997). Ressaltamos, no entanto, que vários jovens homens estão freqüentando os espaços virtuais Pró-Anas, desenvolvendo transtornos como anorexia e bulimia, e no ano de 2007 chegaram a ocupar 60% dos leitos da enfermaria destinada a pacientes com disfunções alimentares do Hospital das Clínicas de São Paulo. Ainda que haja mais recentemente casos de jovens anoréxicos e bulímicos, a anorexia está diretamente ligada à divisão entre os gêneros e à pressão social exercida sobre a corporeidade feminina ao longo da modernidade, que deve cultivar a vaidade em busca de um corpo ideal. Segundo Giddens (2002a, p.101), a anorexia pode ser compreendida como “[...] uma patologia do autocontrole reflexivo, operando em torno de um eixo de auto-identidade e aparência corporal, em que a vergonha desempenha papel preponderante”.

Nesta perspectiva, a anorexia da forma como vivenciamos hoje reflete os impactos das grandes transformações sociais emergentes na modernidade. O seu crescimento nas sociedades ocidentais vincula-se, ainda, à globalização da produção alimentar que disponibilizou uma grande quantidade e variedade de alimentos de todas as partes do mundo nas prateleiras dos supermercados, levando às pessoas a terem que refletir sobre o que comer, qual será a sua dieta, mesmo que não estejam preocupadas em manterem-se magras. Nestas escolhas, tem que se considerar também o discurso científico sobre os benefícios e malefícios de determinados alimentos. Porém, nem sempre esse discurso é consensual e pode variar de tempos em tempos. O fato é que na sociedade moderna contemporânea, os indivíduos são capazes de modelar os seus corpos pela incorporação de hábitos e estilos de vida, onde estão incluídas as escolhas alimentares (Giddens, 2002b).

No Brasil o quadro não é diferente e, talvez, seja reforçado pelo mito que recai sobre a beleza das mulheres brasileiras, entre outras coisas. Também em terras brasileiras é importante ter um corpo adequado – magro – para se relacionar social e afetivamente, para consumir os produtos da moda e para apresentá-lo publicamente. O discurso midiático apresenta-se como um dos principais elementos de controle sobre o corpo feminino. Diante disso, jovens mulheres vêm formando comunidades virtuais – *blogs*, *fotologs* e comunidades no *orkut*, que funcionam como páginas e diários pessoais – em torno da percepção de que a anorexia é um estilo de vida.

Uma vez que anorexia é reconhecida como desordem alimentar, como doença pelo discurso médico, o espaço virtual torna-se um ambiente no qual é possível compartilhar suas “ideologias” de magreza como corpo ideal, sendo, ao mesmo tempo, um espaço público, que permite a explicitação dos seus sentimentos e a interação com outras pessoas sem se identificar, e um espaço privado, na medida em que é possível se esconder da família e das pessoas conhecidas que poderiam repreendê-las. Por isso, essas jovens mulheres não aproveitam sua identidade do “mundo real”, o *cyberespaço* possibilita a criação de novas identidades, que neste caso foi denominada Ana.

A identidade Ana serve tanto para se auto-afirmar como tal, como para chamar a “doença”, que segundo as Pró-Ana refere-se a um estilo de vida libertador. O movimento pró-ana se estabeleceu na



*Internet* como uma rede de comunicação, na qual todos os sites, blogs e comunidades explicitam os mandamentos já citados, dicas para perder peso, indicação de medicação especializada, tabelas calóricas, estratégias para enganar os familiares, entre outras práticas. Em alguns períodos também são lançadas dietas de emagrecimento rápidos e desafios para a perda de peso relacionada a uma data comemorativa do ano. Em dezembro de 2007, houve uma preparação para o enfrentamento das festas de fim de ano em que geralmente as famílias estão reunidas e as Anas, assim como todo mundo, acabam comendo mais do que o comum.

**Primeiro Desafio:** Nada de doces até o Natal! Padaria virou cemitério! Se não for finados corra longe desse lugar! **Segundo Desafio:** Nada de Carboidrato no café da manhã. **Terceiro Desafio:** Nada de espelho até o Natal. Vamos deixar a surpresa para o final! **Quarto Desafio:** Nada de refrigerantes. Barriga sequinha no Natal!

Os espaços virtuais Pró-Ana são ambientes de culto à anorexia como meio de alcançar a perfeição corporal. Para tanto, são cultuadas diversas imagens de modelos e atrizes famosas, como fotos de inspiração, algumas delas que já assumiram publicamente sofrer de anorexia nervosa. Ao mesmo tempo, são expostas imagens de mulheres obesas e distanciadas do padrão ideal como forma de explicitação da imagem que é desprezada. Esta pode ser percebida como uma das estratégias de pressão sobre as escolhas e sobre a incorporação da anorexia como estilo de vida: “[...] somos exemplos de força e determinação, o mundo é um zero à esquerda e nós somos tudo de bom [...] vamos estender a mão e fazer um círculo de perfeição [...] vamos nos libertar e tomar o controle [...]”<sup>iii</sup>. Deste modo, percebemos que o controle sobre o corpo é apreendido pelas Anas como símbolo do sucesso, e, por outro lado, o descontrole sobre o apetite é tido como fracasso na condução de suas próprias vidas.

Neste sentido, a restrição alimentar passa a ter um importante sentido, quanto mais conseguirem controlar os apetites, mais terão demonstrado sua capacidade de autocontrole. Submeter-se às restrições alimentares e às dietas radicais aparece como um comportamento que reforça suas identidades de Ana. Na medida em que deixam de se comportar em conformidade com as práticas Pró-Ana e que são submetidas ao controle médico e familiar, deixam de ser reconhecidas não apenas pelo grupo, mas perdem também seu auto-reconhecimento de identidade.

Voltei a comer porque meus pais me levaram ao doutor, me entupiram de remédio e sou vigiada constantemente. Agora estou bem, peso normal, é o que eles dizem. Mas não quero, prefiro ser doente! Quero que me digam como estou magra, agora não sou mais Ana, me sinto deslocada. Não sei mais quem sou eu, não sei ser normal<sup>iv</sup>.

A preservação do corpo magro e das práticas associadas ao movimento Pró-ana é parte integrada da manutenção de um sentido de identidade que é corporificada. O que importa não é apenas a aparência corporal, mas a incorporação destas práticas, o auto-controle sobre o corpo e a superação de seus limites como símbolo de sucesso e como um elemento que dá sentido à própria construção do eu. O remodelamento do corpo passa a integrar um projeto de vida. Como já dissemos, a reflexividade e o auto-controle aparecem como características da modernidade e neste sentido, evocando a liberdade de escolha sobre os seus hábitos alimentares, as Anas exercem, na prática, o direito que foi dado ao indivíduo moderno de ter o corpo como sua propriedade.

Enfim, os regimes e dietas, as purgações e todas as práticas já mencionadas, associadas, constroem não apenas o corpo das Anas, mas também suas identidades. Lembrando do conceito de *habitus*, na



perspectiva de Bourdieu (1983) um conhecimento gerado através das interações do cotidiano, atua não somente no nível do discurso, mas também como um sistema de ação que atribui ao corpo um papel de agência, que produz conhecimento pela experiência que, por sua vez, atua como estruturas estruturantes. Sendo um conjunto de disposições corporais, as práticas do movimento Pró-Ana estão associadas a diversos processos legítimos de remodelagem corporal, que integram uma rede de significados emergentes no cenário contemporâneo de culto do corpo. Defendendo a anorexia como um estilo de vida, o qual as Anas dizem escolher livremente, procuram construir suas próprias identidades. Tais práticas revelam, ainda, o reflexo de um sistema simbólico mais abrangente, onde os sentidos atribuídos à magreza estão ligados ao sucesso nas relações sociais, profissionais e econômicas.

## 1.2 Duas faces da magreza: Pró-Anas e Thinspo

Se desenvolvermos uma retomada histórica da construção social do corpo feminino e dos padrões de beleza atrelados à sua imagem, veremos que nos últimos séculos as mulheres foram se afinando. Entre os séculos XVIII e XIX o ideal de beleza feminina esteve relacionado às representações de maternidade e fertilidade. Eram apreciadas as formas arredondadas, os seios fartos e as ancas largas, conforme apontado por Rohden (2001). Ao longo do século XIX algumas mudanças já puderam ser percebidas. A moda difundiu o uso do espartilho e com isso os corpos arredondados cederam lugar aos corpos ampulhetas, ainda com formas generosas, mas as cinturas cada vez mais finas. Com a substituição dos espartilhos pelos sutiãs, já no início do século XX, os corpos das mulheres foram, gradativamente, apresentando-se cada vez mais magros e mais adequados às imposições da vida moderna.

Hoje há difundido globalmente, nas sociedades ocidentais, um padrão estético de beleza feminina condicionada à magreza. No campo da moda chega a ser uma magreza quase absoluta, com corpos que poderiam ser comparados aos de vítimas da fome. O excesso de magreza das modelos foi alvo de medidas punitivas e de exclusão em vários países. Em Madrid, no ano de 2007, o *Pasarela Cibele*, evento anual de moda mais importante da Espanha, adotou um índice mínimo de massa corporal para as modelos participantes dos desfiles. Todas as modelos foram pesadas e cinco foram excluídas por excesso de magreza<sup>v</sup>. No mesmo ano, no Brasil, foi proibida a participação de meninas menores de 16 anos no São Paulo Fashion Week. A medida foi motivada pela morte de uma modelo brasileira por problemas decorrentes de anorexia<sup>vi</sup>. Especificamente com relação aos espaços virtuais Pró-Ana, medidas ainda mais drásticas foram tomadas pelo governo francês. O Parlamento Francês votou, em meados de abril, uma lei que faz da incitação à anorexia um crime com pena máxima de três anos de prisão e multa de 30.000 euros – algo em torno de R\$ 80.000,00<sup>vii</sup>. O foco da medida são os *sites*, *blogs* e comunidades virtuais Pró-Ana que também se difundiram naquele país.

Além da ampla divulgação e criação de espaços virtuais Pró-Ana pelo mundo, o que se vê é a difusão marcante do culto à magreza como padrão de beleza e estilo de vida. A magreza contemporaneamente não é apenas símbolo de beleza entre as mulheres, mas também de saúde, segundo o discurso biomédico. O cuidado com o corpo, com a alimentação não gordurosa, prática de exercícios, aumento de cirurgias plásticas estéticas muitas vezes incentivadas pelos próprios médicos, fazem da magreza um objetivo a ser almejado. A questão é até que ponto a magreza é saudável? Os índices de massa corporal a serem seguidos são reais e universais? A discussão em torno da magreza como padrão de beleza e da magreza anoréxica também estão nos ambientes virtuais Pró-Ana. Ao que parece, para as Anas existe um limite entre a Ana “amiga”, de quando o autocontrole é preservado e a perda de peso é contínua, e a Ana doença, quando se perde o controle, são descobertas pela família e voltam a ganhar a peso. O que aparentemente acarreta a perda da identidade Ana.





Vc tá no controle, deixe a Ana ser sua amiga [...] Se quer mesmo ser bonita, controle-se, você escolhe o seu destino. No food tem que rolar mas você não pode perder o controle e deixar que as pessoas percebam [...] Se tiver um ataque de compulsão corre pro banheiro e use a escova de dente pra gorfar [...] a Mia também pode ser sua amiga e ela que vai te ajudar a pôr pra fora as porcarias que você comer.[...] Pra ser Ana tem que ser magra, se não for magra a culpa é somente sua<sup>viii</sup>.

Inicialmente, quando nos referimos à anorexia e à bulimia as associamos à imagem de jovens magras. Com a difusão dos espaços Pró-Anas, com a cobertura da mídia sobre o tema, a preocupação dos médicos, entre outras coisas, não apenas meninas de magreza excessiva passaram a freqüentá-los. Jovens com excesso de peso ou peso normal se integraram às Anas e criaram seus próprios *blogs* buscando informação sobre como se tornar uma Ana e conseqüente perderem peso e medidas. Nestes espaços relatam suas incansáveis tentativas de dietas, compulsão por comidas, doces e refrigerantes, e ainda contam cada grama de peso perdida na luta por um corpo magro. O ingresso dessas jovens causou reações entre as Anas “magras” que parecem não reconhecer a identidade Ana em função do peso diferente de suas exigências.

Que droga essa modinha! Tem perfis ‘anna’ com 80kg!! Pô gente, q palhaçada né?? Visitei vários perfis que se dizem ‘anna’, ‘mia’, anoréxica e surpresa! A maioria tinha até 80kg! Ah! Já é o cúmulo! Gordas e garotas c/ peso normal colocando esses perfis idiotas com modelos magras no álbum e dizendo q são anoréxicas!!<sup>x</sup>

Frente a estas reações e outras com relação à anorexia e a representação desta como doença, um movimento paralelo emerge do próprio ambiente Pró-Ana. O movimento das *Thinspo* também buscam a magreza, contudo tentam driblar os riscos da anorexia, controlam a perda de peso para que não seja excessiva e se inspiram nas celebridades e jovens mulheres reconhecidamente belas nos espaços midiáticos. As dietas são mantidas pelas *Thinspo*, ainda é preciso manter o controle, mas sem exageros e nada de *No Food*. As práticas anoréxicas e bulímicas são negadas pelas *Thinspo* que ressaltam os danos à saúde causados por elas, tais como a perda de cabelo, de dentes e internações psiquiátricas. Ao mesmo tempo, o controle da alimentação é contínuo e a prática de exercícios físicos é adotada para a perda de calorias advindas de alimentos calóricos.

O termo *thinspo* está relacionado à *thinspiration* que se refere a mulheres magras que são inspiração para a adoção de uma série de práticas em busca da magreza. Por isso, os espaços virtuais das *thinspo* são recheados com fotografias de artistas e modelos magérrimas. Conjuntamente às fotografias de inspiração, é possível encontramos a “*thinspiration negative*”, em que são usadas fotografias de pessoas com excesso de peso também para motivar a continuidade das práticas *thinspo* que exigem muita disciplina, como podemos inferir da mensagem a seguir: “A todas as Thinspo: Emagrecer é nossa palavra de ordem! Perder peso é nossa meta! Nos tornarmos perfeitas é nossa missão! Como conseguimos isso? Poder, disciplina, superioridade!”<sup>x</sup>





### 3 CONCLUSÃO

A modernidade trouxe uma pluralidade de dúvidas que estão associadas às escolhas dos indivíduos. Mas ao contrário do que poderíamos imaginar a individualidade moderna não deixa o indivíduo livre para suas escolhas. Diferentes elementos vão, invariavelmente, pressionar e influenciar as ações dos indivíduos para que estes venham a incorporar *habitus*, estilos de vida e construir suas identidades. A escolha pode estar então submetida às oportunidades da vida, ao discurso midiático, à busca pelo sucesso profissional, mas também à corporeidade.

Consideramos que o movimento “pró-ana” trata-se de um importante fenômeno a ser estudado pela sociologia, na medida em que revela uma tomada de posição adotada por um número cada vez maior de mulheres. O nascente movimento das *thinspo* nos revela o quanto os fenômenos são dotados de complexidade e que precisam de tempo para serem compreendidos em sua totalidade Poderíamos dizer que não estamos mais submetidos à sociedade disciplinar, na qual o corpo fora submetido ao rigor disciplinar e às punições. Mas não podemos deixar de observar que esta liberdade moderna aparente, nos submete também a uma sociedade do controle, onde o corpo é controlado pelo consumo, pela publicidade, pela moda que, entre outras coisas, legitimam práticas anoréxicas e de culto à magreza como um estilo de vida possível.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. (1983) **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro, Marco Zero.

ELIAS, Norbert. (1993) **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, v.2.

\_\_\_\_\_. (1994) **O processo civilizador: uma história dos costumes**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, v.1.

FOUCAULT, Michel. (1989) **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro, Graal.

GIDDENS, Anthony. (2002a) **Modernidade e identidade**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (2002b) O corpo: alimentação, doença e envelhecimento, In: \_\_\_\_\_. **Sociologia**, 3 ed, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 149-174.

PERROT, Michelle. (2005) **As mulheres ou os silêncios da história**, Bauru, SP, EDUSC.

ROBEL, Suzanne. (1997) **A mulher escondida: a anorexia nervosa em nossa cultura**, Summus.

ROHDEN, Fabíola. (2001) **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**, Rio de Janeiro, FIOCRUZ.

SCAVONE, Lucila. (2004) **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**, São Paulo, Editora Unesp.

- <sup>i</sup> Os Dez Mandamentos Pró-Ana, disponível em <http://www.annamia.weblogger.terra.com.br/>, acesso em 11 de setembro de 2006.
- <sup>ii</sup> Catarina nasceu em Siena, na Itália, e aos 15 anos de idade ingressou na Ordem Terceira de São Domingos, onde permaneceu na clausura até os 27 anos, em 1374. Para alguns autores a radicalidade de seus jejuns seriam um dos primeiros casos de anorexia nervosa de que se tem registro. Apesar de analfabeta, Santa Catarina foi a única leiga a obter o título de Doutora da Igreja, homologado pelo Papa Paulo VI no ano de 1970 (WEINBERG et al., 2005).
- <sup>iii</sup> Escritos de uma Ana.
- <sup>iv</sup> Escritos de uma Ana.
- <sup>v</sup> Evento de moda rejeita modelos magras demais em Madrid, matéria da BBC Brasil, de 11 de fevereiro de 2007.
- <sup>vi</sup> Jovens na passarela, matéria da BBC Brasil, de 07 de fevereiro de 2007.
- <sup>vii</sup> França quer prender donos de sites pró-anorexia, matéria da Folha de São Paulo, de 15 de abril de 2008.
- <sup>viii</sup> Trecho do blog <http://www.anamiamiga.blogspot.com/>, acesso em 23 de novembro de 2006.
- <sup>ix</sup> Fala de uma Ana da comunidade Odeio a modinha Anna/mia, do *site* de relacionamentos *Orkut*, acessado em 08 de setembro de 2008.
- <sup>x</sup> <http://thinspoaction.blogspot.com/>, acessado em 3 de março de 2008.